DESENHO NA INFÂNCIA: EXPRESSÃO, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DULCINÉIA CONCEIÇÃO FARIAS CASTRO

RESUMO

Este artigo pretende mostrar que o educador necessita conhecer as características das fases de evolução do grafismo infantil para compreender que elas são necessárias para a evolução do desenho e da expressão de seus alunos. Quanto mais proporcionamos oportunidades às crianças, mais elas irão realizar a atividade de desenhar, maior será o repertório que as crianças vão construir, e, consequentemente, maior será o seu desenvolvimento. É importante para as crianças na idade pré-escolar a exploração de diferentes materiais, percebendo suas qualidades e possibilidades por meio de atividades que permitam a movimentação corporal e o desenvolvimento do tato em situações como desenhar no chão, na parede, na areia, em espaços amplos e restritos e sobre formas e texturas diferenciadas. Para a criança, o fazer é mais importante do que os resultados, porém essa deseja que suas produções sejam respeitadas pelos adultos sem sofrerem a interferência dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem; Arte; Desenho; Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, com o intuito de realizar uma pesquisa qualitativa, restringiu-se o grupo a ser estudado em termos de faixa etária, destacando o desenvolvimento, por meio do desenho, de crianças entre três e seis anos de idade.

Nessa idade, o desenho está muito ligado ao ato de brincar e pode ser facilmente observado pelo professor. No entanto, quando a criança começa a figurar, procurando se alimentar de modelos que existem em seu entorno, acaba por dizer frases como: “não sei fazer ainda” ou “não sei como se faz”. Ensinar “como fazer” leva a questões sobre o que é mais apropriado mostrar para crianças dessa idade, com a intenção de realmente alimentar esse repertório que está em processo e que de alguma maneira precisa de referências.

Para realizar tal abordagem é importante trabalhar a ideia de como ocorre a ruptura em relação ao desenho infantil, com base nos estudos de Rosa Iavelberg, que diz que:

Se muitos alunos afirmam, de repente, que não sabem desenhar, como se explica que o desenho que, até então era atividade espontânea e autodidata, deixa de sê-lo magicamente [...] com ingresso no ensino fundamental, ocorre uma regressão no desenho (IAVELBERG, 2003, p, 85).

O objetivo desta monografia é buscar compreender e interpretar os desenhos infantis de modo que, na qualidade de educadores, possamos auxiliar as crianças em seu desenvolvimento. Este trabalho se justifica por ser uma tentativa válida de procurar resgatar a arte na infância, com foco no desenho e grafismo, e utilizá-la em prol do desenvolvimento socioafetivo e cognitivo da criança, por meio da compreensão e interpretação dos desenhos infantis, pois, de acordo com Arteche (2006): 11; enquanto medida de avaliação dos aspectos cognitivos, o desenho é entendido como expressão da criança, existe um ciclo infantil típico que pode ser observado, também, a partir da produção gráfica. Ainda que existam controvérsias sobre as diferentes fases do desenho na infância e, especialmente, sobre a linearidade do processo de desenvolvimento destas, a maior parte dos autores reconhece estágios típicos nesse processo (ARTECHE, 2006, p. 17).

A metodologia de desenvolvimento deste estudo se deu por meio de pesquisas bibliográficas e recursos multimídia, levantamento de obras referentes ao tema, pesquisas na web e leituras analíticas de publicações científicas.

O DESENHO INFANTIL

O desenho possui uma natureza específica, particular, na sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, por meio de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano. Utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico - de - pena, vareta, pontas de todas as espécies (DERDYK, 1989, p.18).

No desenho infantil, todos estes ingredientes citados por Derdyk estão juntos. Pois a criança inventa, cria, sem preocupações com o que está fazendo ou como vai ficar o produto final. A criança, ser global, mescla suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala (DERDYK, 1989, p. 15).

As crianças desenham aquilo que elas vivenciam, o que está ao seu redor, e muitas vezes o que elas imaginam. Mas para que tudo isso ocorra elas precisam ser estimuladas, dessa forma as crianças se motivam, quer seja na escola ou dentro do contexto familiar no qual elas estão inseridas.

No início o que se vê nos desenhos das crianças e que é apenas rabisco aos olhos do adulto, para ela é algo muito mais do que um simples rabiscar. Ela sente prazer em tudo que faz no papel. A criança rabisca pelo prazer de rabiscar, de gesticular, de se afirmar. O grafismo que daí surge é essencialmente motor, orgânico, biológico, rítmico. Quando o lápis escorrega pelo papel, as linhas surgem (DERDYK, 1989, p. 56).

Toda criança é curiosa, vive intensamente procurando descobrir algo, age muitas vezes pelo impulso, pois ela é um ser ativo, independente de idade, desenhar ou rabiscar desde que os materiais de desenho estejam à sua disposição e tenha alguém que também realize desenhos, pois ela presta muita atenção em tudo. Com o tempo e o seu desenvolvimento, ela vai aprimorando cada vez mais o seu desenho, começa a desenhar figuras, ainda que incipientes, e a nomeá-las.

Esse nomear as imagens do desenho, provoca duas consequências: A tentativa de tornar mais perfeita a semelhança inicial entre os traçados e a coisa nomeada, levando à produção de traços intencionais em adição aos já existentes, e o início da produção de imagens voluntariamente, isto é, a criança passa a dizer, com antecipação, o nome do objeto que estará tentando representar com o seu desenho (DUARTE, 2000, p. 192).

Para a criança o importante é estar fazendo, compondo, estar em movimento, desenhando, principalmente quando são menores, pois para elas, a elaboração dos desenhos é apenas uma diversão. A criança desenha para se divertir. O desenho é para ela um jogo como quaisquer outros e que se intercala entre eles (LUQUET, 1927, p. 15).

Muitas vezes, quando a criança não possui material, ela desenha no ar ou na areia, enfim, desenhar faz parte de seu desenvolvimento cognitivo. Independentemente de sua condição social. O que poderá intervir é o meio social no qual está criança está inserida, e a estimulação que recebe. Pois, quanto maior for à estimulação recebida, mais ela se motiva e se apropria do conhecimento. Desenhar é uma forma de conhecer. Toda criança faz rabiscos da mesma forma que balbucia. Tanto os rabiscos quanto o balbucio desenvolvem-se muito pouco, a menos que existam modelos para serem seguidos (WILSON e WILSON, 1991, p. 61). Assim, a transformação acontece conforme sua prática. Os frutos da verdadeira imaginação criadora em todas as esferas da atividade criadora pertencem apenas à fantasia madura (VYGOTSKY apud DUARTE, 2000, p. 194). Desta forma, podemos perceber que quanto mais a criança pratica o traçado, mais vai aprimorando seu grafismo e mudando sua forma de ver e perceber seu desenho, inventando sempre. Pareyson ressalta que:

O fato é que a arte não é somente executar, produzir, realizar e o simples 'fazer', não basta para definir sua essência. A Arte também é invenção. Ela não é execução de qualquer coisa idealizada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou pré-dispostas. Ela é tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. A Arte é uma atividade na qual a execução e invenção procedem pari-passu, simultâneos e inseparáveis (PAREYSON, 1997, pp. 25-26).

No universo infantil, podemos observar muito deste dinamismo quando as crianças estão pintando ou desenhando. Pois, a Arte vai acontecendo na medida em que a criança vai construindo e reconstruindo, inventando, realizando e tornando a inventar. Dentro deste universo, temos alguns teóricos que por meio da pesquisa, trazem-nos informações de como compreender o grafismo infantil.

Em sua obra, O desenho infantil, Luquet (1927) aborda bem este universo, o que nos faz entender e compreender as etapas do desenvolvimento de desenhos de uma criança. Para Luquet, a criança procura dar realismo em tudo que produz, ele afirma que: "[...] considera-se regra geral a criança representar tudo que faz parte de sua experiência, tudo está aberto à sua percepção" (LUQUET, 1927, p. 22). A criança é realista em seus trabalhos na medida em que desenha aquilo que conhece, sem qualquer tipo de preocupação.

Nossa mente percebe, registra e classifica tudo o que conhecemos. Quando se trata de desenhar, o conhecido é, seguramente, todo o desenho que o indivíduo já viu. Tantos desenhos de outras pessoas quantos os seus próprios. Essas imagens que defendemos, fornecem a base para as configurações mentais, a partir das quais um indivíduo desenha (WILSON e WILSON, 1991, p. 67).

Luquet (1927) divide sua obra em dois capítulos. O primeiro se refere aos elementos que compõem o desenho infantil, e está dividido em cinco elementos que são:

• A intenção, quando a criança verbaliza a intenção de realizar algo;

• A interpretação, quando a criança interpreta nomeando aquilo que fez, e muitas vezes são diferentes da intenção anunciada no início do desenho;

• O tipo, que é quando a criança consegue fazer uma sequência de desenhos figurando um mesmo objeto mantendo o modo de desenhá-lo e vai evoluindo, ou seja, mudando-o de um modo gradual;

• O modelo interno, quando a criança faz um determinado modelo de desenho e o repetem várias vezes por algum tempo indicando que possui uma imagem mental desse desenhar;

• A cor, que Luquet classifica como realista ou decorativa.

A segunda parte Luquet apresenta quatro fases para o desenho infantil que são: O Realismo Fortuito e Realismo Falhado, o Realismo Intelectual e o Realismo Visual. "Realizando insistentes advertências sobre as oscilações que acompanham o desenvolvimento gráfico" (LUQUET Apud DUARTE, 2000, p. 192).

Dentro destas fases, Luquet (1927) aponta o ponto de partida para análise deste projeto que é o realismo, afirmando que a criança, desenha o que está no seu contexto, no seu meio. Na primeira fase do realismo o autor irá tratar do Realismo Fortuito, ou seja, ocasionalmente. Nesta fase não há nenhuma preocupação ou intenção na produção de imagens. A criança faz rabiscos, linhas em uma folha, parede, chão ou móveis etc. O que interessa para a criança é apenas riscar e admirar o que fez. Esta fase é muito fácil de entender, especialmente quem tem criança que sai riscando tudo, sem se preocupar com o que está desenhando ou no qual está realizando este desenho. É neste estágio, que a criança começa a perceber em suas traçadas semelhanças com objetos reais, dando o nome destes objetos ao desenho feito, ou simplesmente nomeia o desenho com o nome de qualquer objeto que esteja em sua mente naquele momento.

Derdyk (1989) vem acentuar o pensamento de Luquet sobre esta fase, ela retrata este período com muito carinho, e nos chama atenção sobre suas potencialidades. Segundo a autora: "As garatujas funcionam como unidades gráficas, abstratas, sígnicas, que estão contidas em qualquer desenho figurativo" (DERDYK, 1989, p. 59).

É por meio do desenho que a criança procura retratar as experiências que são relevantes para ela. Este sem dúvida, é o diferencial na construção e elaboração do desenho infantil. "[...] quando o traçado reúne todos os elementos do traçado propriamente dito: intenção, execução e interpretação correspondente à intenção [...] a fase inicial, preliminar ao desenho está terminada" (LUQUET apud DUARTE, 2000, p. 192).

Já no realismo falhado, a criança tem a intenção de reproduzir a realidade, mas por alguma dificuldade, seja da área psicomotora, afetiva, cognitiva, ela não consegue. Aqui ela até faz a estrutura do corpo, porém algumas partes sofrem disjunção. Pois, o objeto de representação não é proporcional, dificultando para o adulto reconhecê-los. No realismo intelectual, a criança já não possui tantas dificuldades cognitivas ou motoras. Assim, ela consegue ter um ponto de vista único. Os objetos representados não apresentam disjunção nas partes do corpo. Consegue desenhar elementos com proporção e procura detalhar os objetos a partir de uma percepção mais apurada. A última fase, Luquet (1927) vai se chamar de Realismo Visual. Nesta fase a criança consegue representar plenamente as formas e figuras. Aqui ela compreende o mundo definitivamente a partir da visualidade, tendo organização e seriação.

A CRIANÇA E O MEIO: PORQUE É O QUE A CRIANÇA DESENHA

A criança desenha por diversão, exploração, expressão e comunicação (Derdyk, 1989). Além disso, o desenho é uma maneira pela qual a criança aprende a estar sozinha e a se autodefinir (Derdyk, 1989). Duarte (1995) acrescenta que o desenho é uma forma de acessar a realidade e pensar. Ele é uma ferramenta de comunicação que combina representação gráfica com linguagem verbal (Duarte, 1995).

Testes psicológicos, como o "Teste de Desenho de Família" (Corman, 2004), podem revelar aspectos das relações familiares das crianças. O desenho também reflete o esquema corporal e as emoções da criança (Derdyk, 1989).

Os desenhos infantis frequentemente abordam o cotidiano e as relações sociais, influenciados pelo ambiente em que a criança vive (Lowenfeld, 1977). Vygotsky (1982) argumenta que a criança desenha não apenas devido a um potencial artístico, mas também como um ato de criação estética. Ele descreve o processo criativo como tendo duas etapas: a "Grande Gestação", onde as relações são estabelecidas no mundo interior da criança, muitas vezes de forma inconsciente, e a "Associação", na qual imagens isoladas são combinadas, com o ambiente desempenhando um papel significativo.

A imaginação e a fantasia desempenham um papel fundamental na atividade criadora, baseando-se nas experiências vividas (Vygotsky, 1982). Vygotsky também destaca a relação entre memória e imaginação, onde a experiência pode ser construída a partir de material imaginário (Vygotsky, 1982). Além disso, ele introduz a "lei da dupla expressão ou da realidade dos sentimentos", que sugere que a fantasia influencia os sentimentos humanos.

Duarte (1995) propõe o termo "desenho de narrativa" para descrever desenhos nos quais o criador age como um narrador, relatando eventos e situações que aconteceram ou poderiam ter acontecido. Luquet (1927) já havia identificado esse tipo de produção, classificando-o em três tipos: "Simbólico", que retrata o momento culminante da narrativa em uma única cena; "Sucessivo", onde momentos diferentes da cena são representados em um único desenho; e "Epinal", que se assemelha às histórias em quadrinhos, representadas em quadros sequenciais. O "Desenho de Narrativa" combi-

na representação gráfica com palavras, refletindo e assimilando conceitos (Duarte, 1995).

Considerar a expressão artística infantil como um registro da personalidade em formação é crucial para o desenvolvimento das crianças (Duarte, 1995). Isso sensibiliza a criação artística e enriquece suas interações com o ambiente, valorizando seus esforços em transmitir suas experiências por meio da arte.

O DESENHO COMO TÉCNICA PROJETIVA

O uso de desenhos como instrumentos de avaliação psicológica é uma prática antiga que remonta aos tempos primitivos (Hammer, 1991). Esses desenhos, conhecidos como produções projetivas, refletem a forma pessoal de interagir com a realidade, tanto interna quanto externa (Grassano, 1996).

Hammer (1991) argumenta que o desenho é uma ferramenta fundamental no desenvolvimento humano, precedendo a capacidade de expressão por meio da escrita. Ele também destaca a projeção de aspectos pessoais nos desenhos, onde as crianças e adultos expressam seus sentimentos e personalidades.

Cunha et al. (2003) mencionam que o uso do desenho em psicodiagnóstico remonta ao final do século XIX, com foco na compreensão do desenvolvimento psicológico, especialmente em crianças. Esses estudos se baseiam em uma perspectiva psicológica, visando identificar indicadores de desenvolvimento e traços de personalidade (Mèredieu, 1999; Cunha, 2003).

O desenho, de acordo com Corman (2004), é uma expressão da imaginação da criança, permitindo a projeção de aspectos profundos da personalidade que não podem ser obtidos diretamente. Mèredieu (1999) destaca que o desenho é um meio de expressar fantasias infantis e conflitos emocionais.

Os aspectos formais do desenho, como traçado, espaço na página e tamanhos das figuras, são igualmente importantes para compreender os conteúdos emocionais (Cunha, 2003). Ferracina et al. (2004) utilizaram o Teste do Desenho Livre para avaliar diferenças entre crianças com e sem glaucoma, encontrando correlações com maturidade, ansiedade, socialização e dependência.

O Desenho da Família também é uma ferramenta valiosa, permitindo avaliar a relação de apego em crianças (Cecconello e Koller, 1999). Essa técnica é confiável e de fácil aplicação, com concordância entre diferentes escalas de avaliação (CECCONELLO e KOLLER, 1999).

Em resumo, o uso de desenhos como instrumentos psicológicos é uma prática estabelecida, com ampla aplicação em psicodiagnóstico e prática clínica, permitindo a identificação de diversos aspectos individuais, emocionais e relacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacidade de desenhar faz parte do ser humano, mas assim como nenhuma pessoa nasce sabendo falar, andar e escrever, o desenho também é uma capacidade que vai se estabelecer a partir de muitas e sucessivas experiências que determinada pessoa irá vivenciar.

O desenvolvimento do desenho infantil é um processo diferente em cada uma das fases da vida do ser humano, e ter conhecimento de como se desenvolve o processo do desenho é algo muito importante para observar a trajetória de uma pessoa.

Portanto, é fundamental que o educador conheça as fases do desenvolvimento do desenho infantil a partir de diferentes teóricos, pois, assim, ele será capaz de analisar a produção de seus alunos com critérios e propor atividades que auxiliem no processo de aprendizagem de seus educandos. O embasamento teórico é muito importante para que se corra menos riscos em cobrar habilidades que as crianças ainda não possuem e de provocar frustrações que afetem o desenvolvimento e a autoestima das mesmas.

A criança começa a rabiscar em torno dos dois anos de idade. Em um primeiro momento, desenha pelo prazer motor de deixar marcas, ou pelo prazer de imitar a ação adulta de desenhar. No entanto, em uma fase posterior, isso também ocorre pelo estímulo visual provocado pelos traços que ela mesma vai marcando no papel, nas superfícies em seu entorno, como na areia, nas paredes e até mesmo no vidro embaçado.

Podemos não nos dar conta da variedade de rabiscos que a criança produz e como eles se modificam ao longo do tempo. A partir de sucessivas experiências com desenhos, em ações repetidas, as crianças fazem suas conquistas gráficas, aprendendo a desenhar com seu próprio desenho sem a preocupação com referências externas.

Assim ao mostrar um desenho, a criança pode falar algo que esteja pensando ou sentindo, porque o desenho expressa o sentimento, pensamento, etc. melhor do que se fala, simplesmente porque ele está além da liberdade de expressar-se verbalmente. Sendo assim, quando a criança desenha coisas aparentemente reconhecíveis, significa que suas falas estão num estágio bem avançado. E muitas vezes uma palavra escrita ou falada não consegue expressar uma imagem ou pensamento.

Os educadores podem ter como objetivo proporcionar atividades que possibilitem uma ampla variedade de experiências sensoriais. Estas experiências podem levar a uma relação mais direta com o ambiente e a ação sobre os materiais e os objetos. Essas atividades também podem proporcionar expressões diferentes por parte das crianças, já que não vão estar unicamente atreladas a estereótipos.

Quanto às crianças menores, é aconselhável ao educador encorajá-las a falar sobre o desenho, evitando dar sugestões, pois a interpretação é individual, e o desenho pode estar expressando algo extremamente pessoal. Da mesma forma deve-se levar em conta o comportamento da criança de acordo com seu amadurecimento, pois dependendo da fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, o desenho pode apresentar partes do corpo humano, ou mesmo a ausência de algumas partes.

REFERÊNCIAS

AIELLO-VAISBERG, T. M. J. Investigação de Representações Sociais. In: TRINCA, W. (org.). Formas de Investigação clínica em Psicologia. São Paulo: Vetor, 1997.

ALBANO MOREIRA, Ana Angélica. O Espaço do Desenho: A Educação do Educador. 9ª ed. São Paulo, Edições Loyola – 2002).

ARTECHE, A. X. Indicadores emocionais do desenho da figura humana: construção e validação de uma escala infantil. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

BOSSA, N. Introdução: Avaliação psicopedagógico da criança de 7 a 11 anos. In: BOSSA, N.; OLIVEIRA, V. Avaliação psicopedagógico da criança de 7 a 11 anos. Petrópolis: Vozes, 2001.

BUCK, John N. H-T-P. Casa-árvore-Pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação. Trad.: Renato C. Tardivo. São Paulo: Vetor, 2003.

CAMPOS, D. M. S. O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e norma de interpretação. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CECCONELLO, A. M; KOLLER, S. H. Avaliação da representação mental da relação de apego através do desenho da família: um estudo com crianças Brasileiras. Arquivos Brasileiros de Psicologia. v. 51, n. 4, p. 39-51, 1999.

CORMAN, L. O teste do desenho da família. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CUNHA, J. A. et al. Psicodiagnóstico – V. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DERDYK, Edith. Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

_____. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 2003.

DUARTE, Maria Lúcia Batezat. Arte, Ensino e Procedimento de Criação. Revista Tuiuti Ciência e Cultura. n° 23, 2001.

_____. O Realismo no Desenho Infantil. Revista Tuiuti Ciência e Cultura. n° 16, 2000.

_____. O Desenho do Pré Adolescente: Características e Tipificação. Dos Aspectos Gráficos à Significação no Desenho de Narrativa. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1995.

FERRACINA. et al. Aspectos psicológicos das crianças com glaucoma do desenvolvimento. Arq Bras Oftalmol. v. 67, n. 6, p. 859-62, 2004. 51

FERREIRA, Aurora. A criança e a arte: o dia a dia na sala de aula. 3° Ed. Rio de Janeiro: Walk, 2008.

FERREIRA, Sueli. Imaginação e linguagem no desenho da criança. 2° Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

FONSECA, A. R; CAPITÃO, C. G. Abuso sexual na infância: um estudo de validade de instrumentos projetivos. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, v. 6, n.1, p. 27-34, jan./jun, 2005.

FREITAS, F. A; NORONHA, A. P. P. School psychology clinic: a survey of instruments used in psychofiagnostics process. Psicol. esc. educ., v. 9, n.1, p.37-46, june, ISSN 1413-8557, 2005.

GRASSANO, E. Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

GOLDBERG, L. G; YUNES, M. A. M. e FREITAS, J. V. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005.

GREIG, Philippe. A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

HAMMER, E. F. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

HUTZ, C. S; BANDEIRA, D. R. Tendências contemporâneas no uso de testes: uma análise da literatura brasileira e internacional. Psicologia reflexão e crítica, n. 6, p. 85-101, 1993.

IAVELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores. Porto Alegre: Zouk, 2006.

_____. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

KELLOGG, R. Analyzing children's art. Palo Alto, California: Mayfield Publishing Comp, 1969.

LOWENFELD, Viktor. A criança e sua arte: um guia para os pais. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

LUQUET, G. H. O Desenho Infantil. Trad. Maria T. G. de Azevedo. Livraria Civilização. Portugal: Editora Porto, 1927.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. Trad. H. Mariotti e L. Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MÈREDIEU, F. O desenho infantil. Trad: Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

OLIVEIRA, K. L; NORONHA, A. P. P; DANTAS, M. A. Instrumentos psicológicos: estudo comparativo entre estudantes e profissionais cognitivo-comportamentais. Estudos de Psicologia, Campinas, v. 23, n. 4, p. 359-367, out.-dez. 2006.

OLIVEIRA, V. M. B. O símbolo e o brinquedo. A representação da vida. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. A brincadeira e o desenho da criança de zero a seis anos: uma avaliação psicopedagógica. In: OLIVEIRA; BOSSA (org.). Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Rituais simbólicos no processo de autorregulação. Pós-Doutorado. Psicologia, São Paulo: 1998

_____. (org). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis: Vozes, 2004a.

_____. Jogos de regras e a resolução de problemas. Petrópolis: Vozes, 2004b.

OLIVEIRA, V. M. B.; BOSSA, N. A. (orgs). Avaliação Psicopedagógica do Adolescente. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Avaliação Psicopedagógica da criança de sete a onze anos. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAREYSON, Luigi. Os Problemas de Estética. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. Seis estudos em psicologia. Tradução Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 23° Edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

PILLAR, Analice Dutra. Desenho e escrita como sistemas de representação. Porto Alegra: Artes Médicas, 1996.

PORCHER, Louis. Educação artística: Luxo ou necessidade? 5° Ed. São Paulo: Summus, 1982.

TRINCA, W. Investigação clínica da personalidade. O desenho livre como estímulo de apercepção temática. Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

TRINCA, W.; BARONE, L. O procedimento de desenhos-estórias na avaliação das dificuldades de aprendizagem. In: BOSSA, N; OLIVEIRA, V. Avaliação Psicopedagógica da criança de sete a onze anos. Petrópolis: Vozes, 2001.